

---

**OPAN**

# COMO OS INDÍGENAS PERCEBEM A **CONTAMINAÇÃO** POR AGROTÓXICOS



El plato del macambo/Brus Rubio

**ADRIANA WERNECK REGINA**

# **COMO OS INDÍGENAS PERCEBEM A CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICOS**

## **Autoria**

Adriana Werneck Regina

## **Organização, edição e concepção gráfica**

Josie Jeronimo

Adriana Werneck Regina

## **Coordenação Executiva da OPAN**

Ivar Luiz V. Busatto

Gustavo Silveira

Operação Amazônia Nativa

Cuiabá (MT), 2021

# SUMÁRIO

- 03** APRESENTAÇÃO
- 08** PERCEPÇÃO INDÍGENA SOBRE A  
CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICOS
- 19** CONSIDERAÇÕES
- 22** REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



Conhecer a percepção de outros povos sobre os rios, a terra, as cachoeiras, as montanhas, os peixes, os animais, a beleza, o sonho, o casamento, o corpo, a morte, o veneno e tantas outras coisas faz a gente admitir que os nossos conhecimentos não têm validade universal, porque eles mesmos são expressões do ponto de vista do nosso povo ocidental moderno, cuja cultura é uma construção específica e dinâmica que vem se transformando ao longo de nossa história.

Valorizar e respeitar as várias percepções depende, por sua vez, do reconhecimento de que nenhum povo é dono da verdade, porque esse julgamento será orientado pelos valores, pensamentos e sentimentos da sua referência cultural particular.

Baseado no fato de que todas as verdades são diferentes construções sociais e que nenhuma delas é superior ou inferior à outra, essa publicação se expressa como o exercício de se deslocar da nossa forma de compreender a contaminação por agrotóxicos e se aproximar do modo como os povos indígenas refletem sobre isso, em especial, daqueles que moram na região hidrográfica da bacia do Juruena, do Noroeste de Mato Grosso.

O objetivo é conhecer os saberes dos indígenas, nos permitindo aprender com eles outras maneiras de abordar o tema, principalmente, aquelas que são novidades para os acadêmicos que se dedicam à compreensão dos vários aspectos da contaminação por agrotóxicos.

Ampliar a nossa percepção a partir dos pontos de vista desenvolvidos pelos indígenas é a nossa intenção. Ao tornar público esse aprendizado por nós construído, pretendemos, ao mesmo tempo, disponibilizá-lo como uma possível ferramenta para criar ações de combate ao impacto dos agrotóxicos, considerando as diversas compreensões do que está sendo prejudicado pelo uso intensivo dos venenos.

Nesse particular, o impacto nas condições de vida e de reprodução das abelhas, das árvores frutíferas, das plantas medicinais, dos peixes, animais e humanos é enfatizado pelos indígenas, colocando em evidência uma relação íntima entre agrotóxico e perda da biodiversidade.

O aparecimento de pragas nas roças indígenas, a diminuição de peixes e animais procurados tradicionalmente para a caça e pesca, o sumiço de vários tipos de abelhas e, portanto, dos diversos méis, a diminuição de árvores frutíferas são outros impactos notados pelos indígenas que colocam em evidência também a íntima relação entre agrotóxicos e segurança alimentar, prejudicando a caça, a pesca, a agricultura e a coleta.



Será apresentada, por meio dessa publicação, a diferenciada forma de conceber a produção de alimentos, a qual implica uma relação com seres espirituais. É recorrente a compreensão de que os animais e/ou as plantas e/ou os produtos da roça têm seus “donos” espirituais. Caçar, pescar, coletar, plantar e colher torna-se uma experiência de interação com esses espíritos. Procura-se estabelecer a reciprocidade com eles e isso se realiza quando alimentos produzidos lhes são ofertados.

Quando a contaminação por agrotóxicos abala a capacidade da produção abundante de alimentos, a troca com os espíritos torna-se igualmente afetada, evidenciando um impacto em nível sociocultural.

Sabemos que são muitos os povos que, há séculos, habitam a bacia do Juruena, e que hoje estão com os seus territórios bastante reduzidos por causa da introdução de projetos de colonização agrícola na região, promovida desde a era Vargas (1937 – 1945) e intensificada deste o governo militar (1964 – 1985).

Sob o ponto de vista indígena, conversar sobre o agrotóxico envolve, necessariamente, considerar as alterações inesperadas e rápidas das paisagens na bacia do Juruena, gerada por tais políticas governamentais. Para os indígenas, a frente de expansão do agronegócio, associada ao desmatamento em larga escala, está ligada ao empobrecimento da produção tradicional de alimentos e à alteração dos padrões alimentares dos animais, peixes e humanos, em que a contaminação por agrotóxicos acontece.

São fundamentais os saberes de quem mora nas terras indígenas, especialmente daquelas que têm como vizinhos imediatos as grandes lavouras, porque eles foram construídos pela experimentação desses impactos, os quais fazem parte do cotidiano da sua vida social, quando caçam, pescam, coletam, plantam e consomem alimentos, refletindo como o agrotóxico utilizado pelos seus vizinhos fazendeiros atinge seus territórios.

A lembrança de como eram abundantes os peixes, os animais, as aves, as águas, as roças, as frutas, as plantas medicinais, os méis antes da chegada dos fazendeiros é muito comum quando o tema da contaminação dos agrotóxicos se manifesta, evidenciando uma íntima relação entre contaminação por agrotóxicos e reatualização da memória coletiva histórica de como era a bacia do Juruena antigamente.





**No filme Mopo'i: O Menino Manoki, os indígenas mostram um corpo com os alimentos colhidos em suas roças tradicionais, tudo é corpo que semeia e frutifica a vida.**

Imagem: Reprodução da Internet



Adriana Werneck Regina

**COMO OS INDÍGENAS PERCEBEM A  
CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICOS**

Esclarecemos que como metodologia para produzir essa publicação, levantamos os conteúdos dos relatórios técnicos do acervo da Operação Amazônia Nativa (OPAN) que manifestam a percepção de indígenas sobre o tema, ainda que esses materiais não tenham sido produzidos com essa intenção específica.

Os relatórios consultados se referem aos trabalhos de indigenistas e de consultores contratados pela OPAN para desenvolver, junto aos indígenas, as condições preliminares para a elaboração do Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA)<sup>1</sup> das terras indígenas. Esses documentos se desdobraram como fontes de pesquisas das informações que se configuram como expressão do ponto de vista indígena sobre agrotóxicos, particularmente.

O encontro com esses conteúdos revelou, inclusive, como a contaminação por agrotóxicos tem sido pautada por esses povos como ameaça às condições de sustentabilidade de seus territórios para as presentes e futuras gerações que neles viverão, já que esse tema foi considerado no processo de elaboração do PGTA.

Os relatórios consultados foram produzidos a partir da experiência de convívio dos seus autores com os indígenas nas aldeias. Eles foram resultados de trabalhos relacionados a outros projetos que a OPAN desenvolveu ou que está desenvolvendo. E por desdobramento, esses materiais bibliográficos proporcionaram acessar os pontos de vista dos indígenas sobre o agrotóxico de forma indireta.

Desse modo, conseguimos identificar percepções de pessoas das comunidades de várias terras indígenas, abrangendo aquelas dos povos Paresi, Rikbaktsa, Manoki, Myky e Nambiquara que, em comum, habitam a bacia do Juruena, e observam alterações na paisagem, apreendendo-as como desdobramentos da contaminação por agrotóxicos. Contemplam a TI Tirecatinga,<sup>2</sup> cujas comunidades são compostas por alianças matrimoniais interétnicas, abrangendo povos Manoki, Paresi, Terena e Wakalitesu; as TIs Ponte de Pedra, Utiariti, Rio Formoso (do povo Paresi); Escondido, Erikpatsa, Japuira (do povo Rikbaktsa); Irantxe e Menkü, dos povos que levam os mesmos nomes.

*1- O Plano de Gestão Territorial e Ambiental (PGTA) é instrumento da Política Nacional de Gestão Territorial e Ambiental de Terras Indígenas (PNGATI), instituída pelo Decreto Nº 7.747, de 05 de junho de 2012.*

*2- Na TI Tirecatinga predominam famílias que se reconhecem como Wakalitesu, diferente de outras que se autorreferenciam como Mamaindê, Sabanê e Manairisu, por sua vez, predominantes noutras TIs do povo Nambiquara. Os antigos Wakalitesu habitavam entre os rios Buriti, Sapezal, Formiga e Juruena e eles foram atraídos pelos padres jesuítas para o internato Utiariti, na circunvizinhança, tornando-se alvo de um projeto de integração cultural. A TI Tirecatinga está inserida nessa região onde aconteceu a Missão Utiariti que fora antecedida pela Missão Rondon, e ambas tinham atraído famílias de outros povos como Manoki e Paresi sob a intenção de uma política da integração nacional. Por isso, esse território demarcado transformou-se numa referência territorial multiétnica, a aldeia Três Jacu é onde se concentram famílias Wakalitesu.*



Ressaltamos que se trata de uma pesquisa frutífera para expandir a nossa compreensão, conforme já dito, enfatizando que os enunciados indígenas nos materiais consultados compuseram a base para construir esse relatório. Essas vozes foram por nós revisitadas e aqui reproduzidas.

A iniciativa desse estudo da percepção indígena sobre a contaminação por agrotóxicos aconteceu durante o desenvolvimento do projeto “Do Campo ao Corpo”, em que a OPAN e o Núcleo de Estudos Ambientais e Saúde do Trabalhador (NEAST) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) são proponentes.

Esse projeto tem como objetivo central a compreensão aprofundada da cadeia produtiva do algodão no Mato Grosso com o interesse de identificar o modelo de desenvolvimento operante na cotonicultura, bem como a relação dele com a saúde dos corpos que estão inseridos nessa cadeia.

Os impactos nas terras indígenas e no modo de viver das famílias que nelas vivem incluem-se como parte dessa cadeia produtiva, justificando a relevância em considerar como os indígenas pensam sobre esse tema.

Aprendemos com essa iniciativa que a condição de se viver num lugar também informa sobre a condição de formar corpos, seja de humanos ou de peixes ou de animais terrestres, ou de plantas e outros, porque a relação entre lugar (território habitado) e corpos é recíproca, o que evidencia a íntima relação entre corpo e território.



**Padre y Madre del árbol de Abundancia, de Brus Rubio**



# PERCEPÇÃO INDÍGENA SOBRE A CONTAMINAÇÃO POR AGROTÓXICOS



Foto: Adriano Gambarini/OPAN

***Tem que cuidar [da água] para não acabar. Porque se acabar, não acaba só para nós, acaba para todo mundo. Pra fazendeiro e para cidade também.***

(POVO HALITI-PARESI et al, 2019, p. 56).



Quando os indígenas expressam a sua forma de pensar sobre a contaminação por agrotóxicos, eles consideram o perigo do envenenamento na água, no ar, no corpo humano e nos corpos dos peixes, dos animais, das aves, das árvores, das plantas e dos insetos.

É notado que não há uma atenção centrada nos prejuízos experimentados pela espécie humana, porque há a preocupação com os diversos seres vivos que, igualmente, estão submetidos aos riscos do envenenamento. Nas narrativas dessas pessoas, há reflexões sobre a contaminação na ema, no caititu, no mel, no pacu, e em tantos outros que são apreendidos como sujeitos também.

Do mesmo modo que se especifica “quem” é contaminado, é particularizada a forma de isso acontecer que, por sua vez, é diferente entre as emas, a árvore do pequi, os pacus e os humanos, por exemplos.



Esclarecer o modo de um ser vivo ter sido impactado pelo agrotóxico, significa tornar compreensível os hábitos comportamentais dele, o que constitui uma excelência do universo de saberes dos povos indígenas.

É um modo de construir o conhecimento que não considera o corpo isolado, porque ele é compreendido como ligado aos outros corpos que fazem parte de seu jeito de viver. Se um deles está contaminado é porque o outro que faz parte da sua condição de vida foi atingido pelo agrotóxico, não há separação entre eles.

A fim de demonstrar essa maneira de perceber, reproduzimos o enunciado de um morador da Terra Indígena Tirecatinga, do povo Terena, o qual versa sobre a contaminação de mel:

***A lavoura não está nem aí, os fazendeiros passam veneno na lavoura para não entrar inseto, a abelha vem pegar o néctar da flor e vai correr lá no ninho e vai chupar o mel, pegar diarreia, é arriscado. O veneno não atinge só a lavoura. É igual o medicamento, atinge a ferida e atinge outro lugar que não está doente.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 23).

É observado nesse enunciado a ligação feita do veneno com a abelha, com a flor, com o mel e com o pessoal que consome esse alimento. Manifesta essa forma de pensar que considera as coisas de modo interrelacionado, conforme já dito.

Essa mesma observação pode ser reconhecida no enunciado de outro morador da TI Tirecatinga, ele pertence ao povo Nambiquara, e que, similarmente, versa sobre o mel:

***Quando a soja floresce, quando plantam as coisas, a gente fica com dor de barriga. Essas abelhas apanham mel, prejudica a abelha também. A gente já andou no mato para caçar, quase não achamos muito mel, faz tempo a gente pegava vários tipos de méis. As abelhas estão diminuindo também por causa da lavoura.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 28).

Deslocando para a TI Erikpatsa do povo Rikbaktsa, reproduzimos um enunciado de um morador dela que, refletindo sobre a diminuição dos peixes nos rios da bacia do Juruena, apresenta a mesma forma de analisar a contaminação por agrotóxico:

***O peixe está diminuindo cada vez mais no rio do Sangue, no rio Arinos e também no rio Juruena, pois, justamente na época da piracema, época das chuvas, é que os fazendeiros pulverizam as plantações com veneno, que corre para o rios, para as cabeceiras, matando os ovos recém postos.***

(POVO RIKBAKTSÁ, 2020, p. 262).



A diminuição dos peixes é uma novidade para as populações indígenas que habitam há séculos a bacia do Juruena. Hoje em dia, elas ressentem a redução de pacu, traíra, matrinchã, pintado, jaú, peixe cachorro, curimba, peixe elétrico, entre outros. Afirmam que não aparecem mais em cardume como acontecia. Anterior à ocupação das grandes lavouras, havia a abundância de várias espécies de peixes.

A comparação de como era antes e como está hoje em dia é comum nos depoimentos dos moradores originários da referida bacia, que cresceram conhecendo os rios Arinos, Juruena e do Sangue.

Quando as populações indígenas refletem sobre as mudanças da paisagem, é abrangido o território ocupado tradicionalmente. Elas não se limitam à realidade da terra indígena que está hoje reduzida em função da frente de expansão do agronegócio.

Ao situar a diminuição dos peixes como uma nova realidade reconhecida em várias localidades da bacia, é considerado o uso do agrotóxico praticado pelos fazendeiros, que se apoderaram de grande parte da área que foi habitada pelas gerações anteriores dessas populações indígenas.

No enunciado acima, foi considerada a localidade em que os peixes põem os ovos e a que acontece a pulverização nas fazendas, sendo tecida a interligação entre elas e a forma de isso se realizar, no caso, pelo fluxo das águas. A temporalidade da pulverização também foi interligada à da piracema, pondo em relevo que ambas são coincidentes com a época das chuvas.

Chama a atenção essa relação que foi construída entre piracema e agrotóxicos, explicando que os ovos estão expostos à contaminação, porque o veneno pulverizado atinge as águas e os matam, impedindo a reprodução dos peixes nas águas da bacia do Juruena, transformando a multiplicação de vidas em diminuição delas.

A contaminação do agrotóxico no momento da reprodução dos peixes altera o modo de viver desses seres, e desencadeia a diminuição de sua população. É feita a relação da pulverização aérea do agrotóxico nas lavouras com o rio, com os peixes, com os ovos deles e com a época das chuvas.

A gravidade desse impacto é acentuada ao ampliarmos a consideração de que o rio é uma importante referência para a escolha de lugares de moradia, abrindo novas aldeias, conforme acontece com o povo Paresi. esse caso, é reproduzido o enunciado de um morador da TI Utariti, O nosso povo sempre morou em beira de rio, sempre viveu em beira de rios e a gente tem que ter um peixinho dentro de casa, peixe fresco (CARVALHO, 2018).

Muitos enunciados, mesmo que vindos de pessoas de origens culturais diferentes, fizeram relação entre pacu e agrotóxico, preocupados com a alta mortandade desta espécie: Muita soja na água, o pacu engole direto, já enche barriga, a soja estufa, a barriga do pacu estoura a barriga dele, já vi vários peixes mortos na água (WERNECK-REGINA, 2014, p. 30), conforme relatado por um morador pertencente ao povo Nambiquara, da TI Tirecatinga.



Na percepção destas pessoas está ressaltada a conexão entre mudança de alimentação e morte. Foi feita a interligação da utilização de agrotóxicos com as lavouras que cultivam soja e com os fazendeiros que praticam a ceva.

Moradores de distintas terras indígenas, ao observarem muitos pacus mortos na água e apresentarem esse mesmo argumento, fazem aparecer que essa técnica de cevar os peixes com soja é um comportamento disseminado na bacia. Paralelamente, está implícito que a alteração da alimentação dos peixes remete-se à perda da vegetação natural ao longo da margem dos rios, que proporcionavam frutas caídas nas águas como alimentos dos pacus.

O desmatamento associado ao agrotóxico e à agricultura em grande escala constituem essa circunstância, em que os fazendeiros praticam a ceva. Outra questão é quanto ao fato de a ceva provocar a concentração de peixes num lugar do rio, atrapalhando a pesca dentro dos territórios indígenas, e diminuindo a quantidade dos mesmos.

Prestar atenção na alteração da alimentação dos bichos é expressão desse ponto de vista que considera o jeito de viver dos povos, contornando uma forma de abordar sobre a contaminação por agrotóxicos. Igualmente, é recorrente a conexão dessa referida alteração com o desmatamento das grandes fazendas que cultivam soja e algodão na região.

O argumento é de que o desmatamento diminui a oferta de frutas, raízes, insetos e outras coisas na mata, prejudicando a segurança alimentar dos animais e diante dessa escassez, a lavoura converte-se em lugar alternativo para encontrar alimentos, mas dessa vez, intoxicados com o agrotóxico utilizado nela. Registro o enunciado de um morador da TI Irantxe que manifesta esse tipo de abordagem: A planta já tem veneno, o animal come e com certeza fica contaminado (CARVALHO, 2018).

Entre as populações indígenas, é recorrente a percepção de que os animais estão diminuindo, sendo notada a dificuldade de encontrar cutia, jacu, macuco, anta e até onça. Avaliam como sendo um impacto das lavouras vizinhas, argumentando que os animais as procuram para se alimentar e morrem envenenados.

Assim como é descentralizada a atenção aos humanos, porque as demais existências também importam, é considerada as condições de alimentação dos bichos e dos peixes.

Conforme discutido, refletir sobre a contaminação por agrotóxicos é levar em conta o jeito de viver de um determinado animal, à medida em que as condições de vida dele é que vão constituir o seu corpo.

Outra alteração na paisagem que é notada pelos indígenas é referente ao aumento de algumas espécies que concorrem à diminuição de outras, o enunciado de um cacique da TI Erikpatsa retrata essa observação: Devido às essas lavouras, as capivaras se multiplicaram muito e atacam as roças. Não se pode mais plantar na beira do rio, pois elas não deixam crescer nada (POVO RIKBAKTSÁ, 2020, p. 256).



O enunciado põe em relevo outra dimensão da contaminação pelos agrotóxicos, em particular, o de que eles, aliados ao desmatamento, prejudicam os roçados, o que se traduz como prejuízo da soberania alimentar das comunidades indígenas. A alteração da oferta de alimentos na mata faz com que alguns animais ataquem com mais frequência os roçados.

Sublinhamos que essa percepção é recorrente entre os indígenas dos diferentes povos que habitam essa região hidrográfica da bacia do Juruena. Repetindo essa mesma abordagem, é aqui reproduzido o enunciado de outra pessoa do povo Rikbaktsa:

***O avanço do desmatamento, das grandes lavouras, o uso abusivo de agrotóxicos no entorno de nossas terras e o crescimento da pesca comercial nos rios têm prejudicado a reprodução dos animais e da floresta. Tudo isso, vem afetando tanto a caça quanto a pesca, aumentando a nossa dependência do mercado.***

(POVO RIKBAKTSÁ, 2020, p. 158).

Muitos fatores prejudicam a prática da caça pelos diferentes povos indígenas que vivem na bacia do Juruena. Dentre eles, podemos citar a diminuição de muitas espécies de animais e a contaminação da carne. Esse último ocorre porque os animais procuram alimento nas lavouras e se intoxicam. Essa realidade está explicitada na fala de uma moradora da TI Tirecatinga:

***Tinha muita caça, hoje está fraco de caça porque tinha porcão, caititu, veado, ema. Por causa da lavoura vão tudo para lá, na época da plantação de milho, o porcão vai. Nossas caças já estão poluídas, anos atrás, comia tatu, hoje não acha tatu no cerrado, acha na lavoura.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 30).

A diminuição de animais na mata, está associada à contaminação por agrotóxicos. Na percepção indígena, é feita a conexão do desmatamento com a lavoura e com a alteração da oferta de alimentos para os animais.

A segurança alimentar dos povos indígenas é prejudicada, pois a carne da caça está contaminada e a perda da abundância de animais na mata impõe a realidade da escassez, antes desconhecida. Conforme afirma um senhor morador da TI Tirecatinga:

***Nós não temos mel porque o veneno mata a abelha, tem tipo de veneno que mata caça, as nossas caças hoje, vamos caçar na divisa com fazendeiro, vai no Utiariti, só rastro para caçar, tem que ir lá pro lado do Buriti, está comendo a folha da lavoura, a anta anda à noite toda por aí. Ela não pára porque não tem comida pra ela, não temos buritizal, não temos barreiro. Nós não temos coisas que chamam a atenção da caça.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 18).



O agravante é que essa alteração da paisagem é consolidada pelo comportamento dos fazendeiros que envenenam propositalmente os porcos, conforme evidenciado nas palavras de um morador da TI Tirecatinga: Ali na fazenda, achamos uma cerva com setenta porcos envenenados, jogaram veneno, o porco comeu e morreu (WERNECK-REGINA, 2014, p. 30).

Com relação às roças, é recorrente a observação do aparecimento de novas pragas, o que é atribuído ao uso de agrotóxicos nas lavouras vizinhas:

***Nas nossas roças apareceram novas pragas. A da cigarrinha e do tatuzinho. Começaram depois que a grande lavoura de soja alcançou a divisa da terra indígena e também ocupou as terras do outro lado do rio Juruena.***

(POVO RIKBAKTA, 2020, p. 256)

Essa observação é repetitiva nas avaliações de distintas pessoas, ela coloca em evidência como o agrotóxico utilizado nos latifúndios que estão no entorno das terras indígenas prejudica o desenvolvimento das roças que nelas são desenvolvidas:

***Agora tem a cigarrinha que mata capim, ela mija na palha e acaba com tudo. Acho que surgiu essa cigarrinha de uns sete anos atrás, acho que foi em 2014 ou 2015. Nós perdemos muita semente por causa disso, ela ataca milho-duro, milho-fofo e arroz. Aí, quando você sai lá pelo lado onde começa o negócio da soja, vê muito esses tatuzinhos. Eles estão vindo para cá. Nós não comemos esse bicho, os anciões falam que não existiam aqui.***

(MACIEL, 2019)

O veneno pulverizado pelo avião nas grandes fazendas é transportado pelo vento e alcança as roças dentro das terras indígenas. No ponto de vista das pessoas das diferentes etnias, esse veneno prejudica as condições do crescimento da mandioca, da batata-doce, do cará, do amendoim e de outros alimentos cultivados.

Novamente o agrotóxico é associado à alteração nas condições de produzir o alimento, englobando as práticas da roça, além daquelas da caça e pesca já discutidas anteriormente. Reproduzimos abaixo as reflexões de uma moradora da TI Tirecatinga:

***A gente hoje observa tanta coisa que vem nos matando como também as nossas plantas. Quando passa veneno, ele vem para cá, atinge o nosso mandiocal. A mandioca nasceu bonita, entre três a quatro meses, quando teve a pulverização, os brotos morreram. O veneno afetou a nossa plantação de mandioca. Já está poluindo o nosso ambiente, o nosso organismo, tudo isso vem trazendo prejuízo para nós, para a nossa água.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 31)



Toda a contaminação aqui apresentada, atingindo os animais, os peixes, os rios, a roça e o mel, é originada fora das terras indígenas. A contaminação é provocada pelos grandes fazendeiros que estão instalados no entorno delas. O impacto para a caça, a roça e a coleta não é uma escolha dos povos indígenas. As palavras de um morador da TI Estivadinho do povo Paresi refletem esse ponto de vista:

***Somos uma terra pequena, que tem problemas de contaminação, porque estamos rodeados de lavouras e toda a poluição vem em cima da gente. Não tem como sobreviver em paz, todo ano estamos indo falar com o gerente das fazendas para explicar o que acontece. As cabeceiras estão dentro das fazendas e a contaminação vem de lá, pela água que é contaminada por eles e daí vem para nós, água que é usada para banhar, beber, para viver. Como podemos resolver isso?***

(PROJETO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL PARESI, 2018)

Os rios estão contaminados porque as suas nascentes estão fora da terra indígena. Ao localizar que a contaminação vem das fazendas, essa liderança Paresi define que a água que é para viver chega contaminada nas aldeias de um modo impositivo e sob uma condição alterada, colocando em risco a vida das pessoas.

Apresentamos a avaliação de outra liderança do povo Nambiquara, moradora da TI Tirecatinga, a qual reproduz esse mesmo ponto de vista:

***O rio grande não está bom, não. Quando toma água dá dor de barriga e diarreia. Porque, antigamente, a história é muito importante, a lagoa, mas agora está cheio de agrotóxico. Não tem água boa. Não tem onde beber, então, eu bebo obrigado e como isso ficamos doentes.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 27).

As pessoas pertencentes aos diferentes povos indígenas não concordam com essa realidade de as águas estarem envenenadas. Chamamos a atenção para a expressão “bebo obrigado”, utilizada pela liderança Nambiquara, a qual retrata a situação de uma vulnerabilidade que não foi construída pelas comunidades indígenas.

A mesma análise sobre o impacto do agrotóxico ser produzido pelas lavouras vizinhas às terras indígenas é reconhecida nos dizeres de uma liderança do povo Manoki, moradora da TI Irantxe:



***A gente vê água suja, é através do desmatamento que é muito na beira do rio, é muito nas cabeceiras. Então, onde tiver lavoura, a chuva cai, ela vai correndo, pega a cabeceira e daí, caiu no córrego, já cai no rio e, aí, começa sujar. Aí, não é mais nem água potável, é tudo água agrotóxico, né? Além da sujeira, além dos venenos que caem no rio e, aí, dá o impacto sobre diminuição dos peixes também. Só de areia e o córrego diminui, volume da água, não corre mais direito, só sumiram e mais nada. Aí, acaba secando nos nossos córregos.***

(CARVALHO, 2018).

São muitos os enunciados registrados nos relatórios técnicos da OPAN que apresentam a preocupação indígena com a qualidade da água nos rios, córregos e ribeirões que, por sua vez, são as fontes para beber água, tomar banho, cozinhar o alimento, fazer rituais, crianças brincarem, desenvolver a pesca entre outras inúmeras expressões sociais que fazem parte do cotidiano das aldeias.

Nos dizeres de uma liderança do povo Rikbaktsa: Esse rio parece que é mil maravilhas, mas se olhar bem o tanto de agrotóxico que cai das plantações, vai tudo pro córrego e direto pro rio (POVO RIKBAKTSÁ, 2020, p. 224).

E na reflexão de um cacique da TI Formoso do povo Paresi:

***Hoje em dia, tem muito veneno no rio, na água, onde a gente banha, onde as crianças banham. Eu sinto muito e quero respostas. Quem tem que tomar providências nisso? Seremos nós? Estamos explicando o que a gente sente, não é discriminação, não.***

(PROJETO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL PARESI, 2018).

Embalagens de agrotóxicos vazias são encontradas nos rios Formiga, Papagaio e Buriti. Os indígenas esforçam-se para retirá-las das águas, o que implica em risco, porque requer equipamentos de proteção para essa tarefa, evitando a exposição direta ao veneno. Registramos o relato de um morador da TI Tirecatinga:

***Pacotes de veneno boiando na água, no poço. Tinham vários pacotes de veneno. Por isso que os peixes estão sumindo. Aqui pegava muito peixe, pacu, matrinhã, piauí, traíra, hoje piauí vê pouco.***

(( WERNECK-REGINA, 2014, p. 30)



Quando as pessoas dos diversos povos indígenas manifestam a sua preocupação com o impacto do agrotóxico na água, elas consideram a contaminação no rio, nos córregos e nos poços artesianos implantados nas suas aldeias.

Entre os diferentes povos indígenas, é recorrente a compreensão de que os rios, os peixes e os animais são cuidados pelos seus “donos”, os quais são seres sobrenaturais com quem se estabelecem relações sociais:

***O rio é a onde os peixes vivem, aonde peixe mora, né? E também o rio é comandado e dominado pelo espírito do rio. E no momento a gente usando essa pesca aí, a gente tem que tomar muito cuidado, porque o rio também tem um dono, né? Tem um dono que ele mora no rio. Ele também cuida dos peixes, mas se a gente tá mascrando, tá matando o peixe, a gente vai oferecer. Ele agradece, né? Ele agradece, mas se você também vai só matando e comendo, estragando.***

(CARVALHO, 2018).

Os dizeres acima são de uma liderança do povo Manoki que também é pajé. Ele mostra que as relações com os peixes, os animais e os rios se desdobram como sendo também uma forma de ligação com os espíritos, traduzidos por ele como “donos”. Ao tempo em que esses seres sobrenaturais tornam possíveis a pesca e a caça, eles esperam que o alimento produzido por meio dessas atividades lhes sejam ofertados. Dessa maneira, é estabelecida uma relação de troca entre os humanos e esses seres sobrenaturais.

O mesmo acontece com a roça, onde os alimentos produzidos por meio dela são ofertados às famílias das aldeias e aos espíritos. Essa prática é reconhecida entre os povos Paresi, Nambiquara, Manoki, Enawenê Nawê, entre outros. Nas palavras de uma liderança do povo Paresi, da TI Utiriti:

***A importância que a gente não deixa de comer peixe, né? E o peixe também é uma carne muito importante nas nossas oferendas, para a gente fazer as festas, fazer uma oferenda. Oferenda que eu digo é uma oferenda que a gente faz... assim pequena. Não precisa de festa, né? A gente põe a bebida, põe o biju e põe o peixe. Aí, fazer oferenda, né? Para o nosso Deus. Então, isso daí é uma pequena oferta, né? Agora para as festas, aí, precisa bastante peixe também e agora, né?***

((CARVALHO, 2018)



No enunciado do morador da TI Utiariti mostra como as práticas das oferendas são comportamentos sociais que se realizam como um jeito de viver:

***Hoje, para fazer oferenda, a gurizada fala, ‘ah, hoje, nós vamos lá naquele rio para fazer essa oferenda’. Aí, todo mundo sai e quando é de tarde, eles estão chegando com um monte de peixe .***

(CARVALHO, 2018)

A produção da abundância de alimentos para as festas e para o dia a dia está prejudicada pela contaminação dos agrotóxicos, o que significa um impacto de caráter social e cultural. Antes da chegada do agronegócio na bacia do Juruena, sempre é lembrado como uma época em que existia muita fartura:

***Tem uma coisa muito importante que mudou muito que a gente vê no rio, antigamente quando você queria pegar um peixe para comer, pegava canoa, atravessava numa ilha, andava um pouco na beira, já conseguia ver o peixe e pegava pacu, matrinhã na flecha, mas hoje, não é mais assim, mudou muito, não dá para ver mais o peixe na flor da água, primeiro porque a água está suja e segundo porque quase não tem mais peixes. E como vai ser a futura geração, onde eles vão pegar peixe?***

(( CARVALHO, 2018) (CARVALHO; COSTA, 2017)

É costume lembrar da riqueza de frutas, peixes, animais, méis e de água limpa que havia antes. Com relação às frutas, hoje em dia, tem sido observada a diminuição de muitas delas, como do caju do mato e do pequi, entre outras.

Alguns indígenas suspeitam que a pulverização aérea do agrotóxico nas grandes fazendas, ao alcançar a terra indígena, cai sobre a mata, atingindo as árvores frutíferas e os seus brotos, contaminando-as e matando-os, impedindo a reprodução delas. Além de o veneno interferir na polinização, porque mata as abelhas e outros insetos responsáveis pelo processo. O mesmo ocorre com as plantas medicinais, cuja diminuição também tem sido notada. Nas palavras de uma liderança da TI Tirecatinga, Procura remédio e não acha (entrevista)<sup>3</sup>

A diversidade das frutas que havia antes, faz parte da memória indígena do tempo que era bom e farto:

***Eu me lembro bem, eu já visitei lá, era uma área muito bonita e importante, tinham muitas frutas do Cerrado e outras coisas que eram da cultura como piúva, ciriva, caça, cacau, patuá, jabuticaba do mato, vários tipos, eu já andei naquele mato, era muito bonito aquele lugar.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 5)

3- Esse enunciado aconteceu no contexto de uma reunião virtual, em novembro de 2020, em função do desenvolvimento do Projeto “Do Campo ao Corpo”, executado pela Operação Amazônia Nativa (OPAN) e Núcleo de Estudos Ambientais e Saúde do Trabalhador (NEAST) da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). O objetivo dessa reunião foi identificar quais as mudanças nas paisagens notadas pelos moradores da TI Tirecatinga dentro do seu território, atualmente.



São palavras de uma anciã nambiquara, elas mostram que lembrar é reviver um tempo em que havia bem-estar, é recordar uma época de satisfação e de alegria. Os sabores das coisas fazem lembrar os bons momentos vividos. Até mesmo o cheiro da mata é recordado, conforme desabafado por Angelina da TI Rio Formoso, do povo Paresi:

***Todos nós precisamos de água, se não mais tarde o que vamos ser? Não tem mais peixe, o rio está morrendo, está desmatado, os fazendeiros estão querendo invadir cada vez mais, é uma tristeza para a gente que vive no dia-a-dia com a natureza. Hoje, você não sente mais o cheiro gostoso do ambiente, do rio, da mata.***

(PROJETO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL PARESI, 2018)



## **Indígenas Nambiquara em festa da menina moça.**

Foto: Adriano Gambarini/OPAN.



# CONSIDERAÇÕES

Os modos de os povos indígenas desenvolverem as suas relações com os animais, os peixes, as frutas, a agricultura, as águas e os espíritos são prejudicados pelo uso de agrotóxico praticado nas grandes fazendas instaladas no entorno das terras indígenas. Impõe aos povos indígenas a experiência da escassez de alimentos tradicionais, colocando em risco a segurança alimentar deles. As farturas de caça, pesca, da roça e das frutas se realizavam como uma identidade do jeito de viver das gerações antigas que habitavam, frequentavam e usufruíam do território da bacia do Juruena.

Hoje em dia, a diminuição da diversidade de peixes, animais, árvores frutíferas, plantas medicinais e até mesmo das sementes e mudas de produtos da roça têm ligação direta com o uso dos agrotóxicos no agronegócio. Os enunciados de muitas pessoas, aqui reproduzidos, apresentaram o alimento como sendo um bem cultural, cujo valor na promoção de relações sociais com os seus conterrâneos e espíritos é importante. Torna-se evidenciado que agrotóxico provoca impacto na vida social e cultural de um povo, além daquele que prejudica a reprodução da abundância e diversidade de vidas na mata, no cerrado e nos rios.



Fotos: Reprodução da Internet

A contaminação por agrotóxicos nos corpos humanos é compreendida como expressão de um envenenamento das coisas que compõem o jeito de viver deles. É feita uma conexão do corpo humano com a qualidade de vida dos animais, dos peixes, das árvores, das plantas, dos insetos, dos rios e da roça. Indica que as condições de um território são responsáveis pela construção de como o corpo é nutrido. Sob esses termos, é compreendido que o agrotóxico contamina os corpos, porque ele prejudica o território de onde ele se alimenta e onde ele habita e frequenta.





### Frida Kahlo, Raíces, 1943 - Autorretrato

A percepção indígena põe em evidência o vínculo umbilical entre corpo e território, em que um não está dissociado de outro. E para as pessoas dos diferentes povos, falar sobre as mudanças da paisagem significa lembrar dos lugares vividos pelas gerações antigas, em que a riqueza os qualificava, cuja memória permanece nesses corpos, reatualizando que a bacia do Juruena continua sendo a referência de como era bom antes. Nas palavras de uma liderança do povo Nambiquara:

***Naquela época, nós íamos pescar daqui lá no Papagaio, era livre, hoje não. Hoje, a gente tem que passar da divisa no Cerrado para pescar. Tem que pedir autorização para pescar. Será que branco fez peixe, será que fez água, ninguém é dono da terra.***

(WERNECK-REGINA, 2014, p. 6).



Esses dizeres mostram também que a relação mantida com os espíritos traduz uma forma de pensar em que nenhum humano é dono de nada, especialmente daquilo que faz nutrir um corpo, como a terra e a água, e toda a vida que delas brotam.



# O AGROTÓXICO NÃO FECUNDA O CHÃO

ELE ENVENENA A VIDA NA TERRA, NO AR E NAS ÁGUAS



Mamá Tierra/Santiago Yahuarcani

Encerramos esta publicação com o fragmento da música de Chico Buarque, O Cio da terra, que se aproxima de um saber presente nos enunciados indígenas aqui partilhados, em particular, o do poder de fecundação da terra que nutre os corpos que nela vivem. Que a abundância nascida da terra seja celebrada, respeitada e cultivada.

***"Afagar a terra  
Conhecer os desejos da terra  
Cio da terra a propícia estação  
E fecundar o chão"***

ARRUDA, Rinaldo S.V.. Relatório das Oficinas de Etnomapeamento e Etnozoneamento do PGTA Haliti-Paresi. Opan, 2017.

CARVALHO, Ricardo da Costa; COSTA, Victor Amaral. Relatório Técnico Final do Projeto Rede Socioambiental de Monitoramento Independente e Participativo de Hidrelétricas na Amazônia no Contexto das Mudanças Climáticas. Opan: Cuiabá-MT, 2017.

CARVALHO, Ricardo da Costa; PRÉCOMA, Adriele. Relatório Técnico Final do Projeto Rede Socioambiental de Monitoramento Independente e Participativo de Hidrelétricas na Amazônia no Contexto das Mudanças Climáticas-Fase 2. Opan/Rede de Barragens Amazônicas (RBA)/Instituto Centro e Vida (ICV). Opan: Cuiabá-MT, 2018.

CARVALHO, Ricardo da Costa. Relatório das viagens de campo para realização da etnografia sobre técnicas indígenas de pesca tradicional do Alto Juruena. Opan: Cuiabá-MT, 2018.

JÚNIOR, Tarcísio da Silva Santos. Relatório Final: Diagnóstico Rápido Participativo de Recursos Naturais na Terra Indígena Tirecatinga. Opan (Projeto Berço das Águas): Cuiabá-MT, 2013.

MACIEL, Márcia Regina Antunes. Diagnóstico das Terras Indígenas Erikpatsa, Japuíra e Escondido. Opan: Cuiabá-MT, 2019.

POVO HALITI-PARESI; ASSOCIAÇÃO WAYMARE; ASSOCIAÇÃO HALITINÃ. Plano de Gestão Haliti-Paresi: Território Indígena Haliti-Paresi Waikyohera. Opan: Cuiabá-MT, 2019.

POVO RIKBAKTSÁ. Plano de Gestão Territorial e Ambiental do povo Rikbaktsa. Opan: Cuiabá-MT, 2020.

PROJETO PLANO DE GESTÃO TERRITORIAL PARESI. Relatório de Atividades 07. OPAN/TNC: Cuiabá, 2018.

WERNECK-REGINA, Adriana. Relatório de Trabalho do Plano de Gestão da Terra Indígena Tirecatinga. Opan: Cuiabá-MT, 2014.

